

A IMPRENSA

08 DE SETEMBRO
DE 1901

A IMPRENSA

ORGAM HEBDOMADARIO, DOUTRINARIO E NOTICIOSO

ASSIGNATURA ANNUAL. 12\$000

SEMESTRE

ANNO V

Parahyba, 8 de Setembro de 1901

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA NOVA, MOSTEIRO DE S. BENTO

EXPEDIENTE

"A IMPRENSA" publica-se no domingo.

Accepta toda collaboração desde que seja digna de ser publicada. Não se publicam escriptos cuja procedencia seja ignorada pelo Director.

A IMPRENSA ESCANDALO INAUDITO

Pela leitura dos jornaes do Pará deparámos com um artigo, fazendo justos encomios á administração de S. Exc. Rvma. o Sr. D. Antonio Brandão, escripto por um conceituado membro do clero.

Mas qual não foi a nossa surpresa e formal repulsa quando demos com uma declaração de um cavalheiro por muitos titulos respeitavel, que aliás devia ser um dos mais compenetrados em acatar e firmar os creditos da autoridade de um Bispo catholico, e que não satisfeito em negar que fora autor do artigo, qualificava-o de *engrossamento posthumo*!!!

E' sobremaneira lastimavel que um catholico, esquecendo a deferencia que deve aos superiores hierarchicos da Igreja e aos seus ministros, derramasse no seio de uma população catholica o desprestigio tratando com menosprezo a dignitários mercedores de toda veneração.

E a que vem este *engrossamento posthumo*? Por ventura o articulista, que a verdade o manda denominar de apaixonado, já considera morto ao Exmo e Rvmo. Sr. D. Antonio Brandão que hontem era o seu pae espirital, o seu pastor, o seu Bispo, e se esqueceu de que corre o imperioso dever a todo catholico de respeitar e prestigiar aos seus Prelados e Pastores!!!

Como é que após a partida de D. Brandão tentou ferir-o indirectamente, mimosando com o epitheto de *engrossador* ao sacerdote que fez justiça a pessoa de S. Exc. Rvma., que doou a diocese de Belem do Pará de reaes melhoramentos, que em todos os tempos attestarão o seu zelo e a sua solicitude pastoral?!

Sob o ponto do nosso espanto quando na « Folha do Norte » vimos com estupefacção artigos, de louva á administração de D. Antonio Brandão, sob este titulo: *Relato da Diocese de Belem*, e a que vem este *engrossamento posthumo*? Por ventura o articulista, que a verdade o manda denominar de apaixonado, já considera morto ao Exmo e Rvmo. Sr. D. Antonio Brandão que hontem era o seu pae espirital, o seu pastor, o seu Bispo, e se esqueceu de que corre o imperioso dever a todo catholico de respeitar e prestigiar aos seus Prelados e Pastores!!!

linhas, quem ousava desrespeitar a autoridade ecclesiastica de modo tão insolito, quem ousava arrastar as vestes episcopaes pela vereda tortuosa das diatribes e de acerbas criticas?!

O articulista, que teme assignar o nome, declarou que é em nome da critica criteriosa e imparcial, para ministrar subsidios para a historia, que tomou a seu cargo tão ingloria tarefa.

Deprehende-se da leitura d'aquelle aranzel o despeito e paixão que dictaram aquellas linhas que produziram dolorosa impressão no seio da familia catholica, solicita em acatar summamente a pessoa de seus Prelados.

Custa-nos a crer esta dolorosa verdade.

Será crível que quizesse se arvorar presumposamente em arbitro supremo dos actos d'aquelles que o Espirito Santo encarregou de regerem a sua Igreja; será crível que um catholico deitasse por terra com o camartello de apaixonadas apreciações o edificio do respeito á autoridade verdadeiramente constituida?!

Não o cremos. Um dia a luz da verdade espargirá os seus raios sobre este lamentavel acontecimento e apontará aos olhos de todos a figura confusa de um homem que esqueceu os seus deveres mais sagrados.

Accusam a D. Antonio Brandão, de não manter cordaes relações com o clero: ainda que não estejamos plenamente enteirados dos negocios intimos d'aquella diocese, contudo não podemos acreditar o porque um Bispo nada fazendo sem o clero, delle precisa para desempenhar cabalmente a sua espinhosa missão, d'ahi o procurar manter boas relações com os seus subditos.

Parece-nos que aquella affirmativa é um lance da discordia para captar o mais inconfesso proselytismo: tanto mais nos convençamos d'isso porque vimos uma acerba censura pela nomeação de nosso carissimo amigo, virtuoso sacerdote a distincto patricio, Conego Ricardo Rocha, que foi elevado a esta dignidade em Setembro do anno passado; allegavam que era moço; mas tem sido incontestavelmente um lutador imperterrito da causa da verdade e da justiça.

Alem d'isto o Superior é unico juiz n'estas emergencias.

Desorte que o «grande delicto» de D. Antonio Brandão segundo o articulista é não ter elevado a todos que ardentemente desejavam occupar as primeiras posições no seio do clero paraense.

Onde iremos parar? Estas censuras são dirigidas a um Bispo Brasileiro e por um catholico? E' deste modo que se descobre n'um Bispo a figura de Jesus, guiando as suas ovelhinhas ao aprisco para nutril-as com o ensinamento da fé?!

Nós, como redactores de um jornal catholico, que está sempre na estacada para defender os magnos interesses da Igreja, ao presenciarmos este deprimente espectáculo de um Bispo ser atacado de modo tão grosseiro pela imprensa, protestamos com todas as forças de nossas almas contra este gravissimo incidente, este escandalo enorme que feriu a alma do povo catholico.

Nolite judicare, não julgueis, não sois competentes, fallecem-vos poder e missão para tal fim, e lembrai-vos que o catholicismo triumphará por mais accessas que sejam as lutas.

Admiradores de D. Antonio Brandão, que ha poucos dias aqui aportou, demandando o seu novo Bispado; gratissimos pelas considerações immerecidas embora com que nos distinguui no seu magnanimo coração, maxime pelo muito que contribuiu para a esplendida manifestação de que foi alvo ultimamente em sua incipiente Diocese o nosso estremecido Prelado, D. Adauto, na breve demora alli estacionado em sua excursão ao sul do Paiz, estaremos sempre ao seu lado cancorrendo com o nosso fraco contingente para que as paixões mal contidas não logrem alçar a sua cabeça orgulhosa.

Estamos certos que S. Exc. Revm. seguirá impavido a trilha dolorosa do dever episcopal, para maior proveito dos seus diocesanos, apesar de tão gratuitos inimigos; e a historia fará justiça, um dia, ao caracter sem jaca e ao reconhecido zelo pastoral do primeiro Antistite Alagoano.

A ESPHINGE

Ha momentos grandiosos e tão extraordinarios pelas suas formas colossaes que desafiam sempre a admiração, o espanto e a curiosidade. O monolito egypcio, que ainda hoje, coberto das areias revoltas do deserto, olha fixo e sereno, com os olhos de granito para a immensidade, desafia os seculos e propõe enigmas que nem Adipio seria capaz de decifrar.

Superior nas formas agigantadas, bellissima pela variedade riquissima de tons, silencioso e eloquente, imovel mas agindo com amplitude e tempo mysterioso de sublimes problemas, a Esphinge Religiosa atrai como sempre a admiração, o espanto e na hora presente o odio despeitado, a colera turva e negra dos que não podem decifrar os seus problemas.

A Ira, como dynamite compressa

em corredores subterraneos pedia uma falca e fez explosão.

Qual será, porem, a causas d'esses vomitos de maldicção, d'esse *crucifigatur*, que se ouve, terrivel como um grito de condemnação, nos pretorios da Hespanha, de Portugal, e de Franca, contra as ordens religiosas?

O echo respondeu fiel como sempre nas encostas de nossas montanhas, e os telegrammas assanhados do *Jornal do Commercio*, com a apresentação da *Electra* se encarregaram de excitar a vozeria da população, cada vez mais audaz em pedir aos governos modernos a morte das ordens religiosas.

N'esse principio de seculo, não ha verdadeiramente espectáculo que seja capaz de aguçar tanto a curiosidade faminta de escandalos, como o drama actual, reprodução aliás bem frizante da Paixão de Jesus Christo debaixo do poder de Poncio Pilatos, cuja photographia thelepatita ou *neurica radiante* se acha em quasi todos os thronos das nações civilizadas.

Dous personagens se apresentam com effeito perante o seculo: Jesus e Barabas. — As ordens religiosas e a maçonaria.

Não houve, de certo maior humilhação para um homem puro e santo como era Jesus, do que ver-se comparado a um miseravel e infame como Barabas, o malfetor mais insigne, o sedicioso mais perigoso e o maior ladrão e homicida de seu tempo.

Não pôde tambem haver maior humilhação para as ordens religiosas do que se acharem ellas cotejadas com a maçonaria, a sociedade secreta mais pernicioso, mais criminosa, revolucionaria e homicida dos tempos actuaes.

O paralellismo na Franca foi não só o mais ignominioso como o mais frizante.

Quem vultis dimittam vobis? Qual dos dous quereis que seja posto em liberdade, perguntam medrosos e covardes os governos modernos?

A Maçonaria ou as Ordens Religiosas?

Barabas! A Maçonaria! Sim, esta pode viver como associação com todas as garantias, pode ensinar, encher as Universidades, as Camaras, as posições sociaes de seus adeptos, abrir os seus templos e pagar as suas doutrinas.

O que faremos das ordens religiosas?

Nós apedrejamos os seus conventos e quereimos que desapareçam!

Mas que mal fizeram ellas?

Crucificae-as!

Não ensinam ellas e educam os vossos filhos e filhas? Não tratam dos vossos doentes e feridos nos hospitais e campos de batalha?

Não importa, se não sacrificades as ordens religiosas sereis inimigos da Maçonaria, do progresso e do espirito da epocha. Cahireis de baixo do punhal ou da bala do anarchismo.

A onda cresce e as cabeças coroadas e os Governadores dos povos lavam-se tranquillamente na bacia politica e ainda ouçam dizer como Pilatos: *somos innocentes do sangue dessa justica!*

inviolavel do Evangelho, problemas parecem amolgando o seculo, tornando-se mais pesado, ao mesmo tempo de condemnação viva e perpetua mundo com todas as suas concupiscencias.

D'ahi vem que todo religioso forçosamente, sem o pensar, uma sentença de morte para os sensualistas, cujos instintos e baixos necessariamente são estigmatizados pela elevação do caracter religioso. Se o habito é um espantalho uma ferola que os incomoda.

Pelo triplice voto de obediencia de castidade e de pobreza as ordens religiosas repudiam com efficacia persuasiva do exemplo do que o mundo ama com excessos, que é a liberdade sem fío, a luxuria e riqueza.

Historia dolorosa da guerra interminavel e incarnizada da carne contra o espirito.

(Ext.)

Francisco Crispi.

Em presença de um cadaver e dever nosso conservarmos discretos e reservados, especialmente em referencia a certos pontos delicados... Os liberaes, porém, não pensam assim, chegando mesmo a dizer inexactidões e mentiras que exigem alguns reparos. Crispi até aos vinte annos foi catholico-pratico. Seus adversarios politicos publicaram varias vezes suas bellas poesias sobre o S. Sacramento, a S. Virgem, Nosso Senhor Crucificado e as poesias ineditas dedicadas aos Bourbons de Napoles! Para completar seus estudos e conservar-se na Universidade de Napoles, recebeu da caixa privada do rei Ferdinandio uma mensalidade de 75 francos, o que nesse tempo era uma somma consideravel! Ha bem pouco tempo que a imprensa publicou os recibos que se conservam nos archivos do Estado... Crispi, porém, entrou na *Gloria Italia* e talvez na propria Carbonaria, esquecendo-se de Deus e do rei, seu bemfeitor, conjurando contra este de um modo audaz e escandaloso!

Crispi não foi bigamo, como disse o *Commercio*, mas trigamo! Casou com a primeira mulher ecclesiasticamente, no tempo em que o casamento era na Italia o unico legitimo. Abandonou a primeira mulher com papeis falsos de estado livre, casando, tambem ecclesiasticamente, com uma segunda mulher, estando ainda viva a primeira. Morrendo-lhe a primeira em vos de pedir a revalidação do segundo matrimonio, evidentemente nullo, deixou tambem a segunda, para se unir civilmente com outra chamada Lina. Roma em peso pôde testemunhar a tenacidade com que o segundo casamento se fazia. Crispi, apresentando-se em todos os theatros e passeios em que se achava com a terceira mulher, a filha de sua nomeação para ministro, quiz o rei fechar os olhos e obrigar a rainha que se não puzesse mais a entrada na corte. Lina. A rainha pôde testemunhar sempre com descanço a tenacidade com que Crispi se casou com a terceira mulher, a filha de sua nomeação para ministro, quiz o rei fechar os olhos e obrigar a rainha que se não puzesse mais a entrada na corte.

Finalmente, a rainha casou-se com o terceiro marido, a filha de sua nomeação para ministro, quiz o rei fechar os olhos e obrigar a rainha que se não puzesse mais a entrada na corte.

A vida religiosa, essa esphinge

00175 514